

**TODAS AS CRIANÇAS
FORAM ANTES ADULTOS
(MAS POUCAS SE LEMBRAM)**

JOÃO LOUSADA

ATRÁS
editora VÉS



Todas as crianças foram antes adultos (mas poucas se lembram)

1ª edição, setembro 2024

© 2024 AGAL

© João Lousada

Associação Galega da Língua
Santiago de Compostela (Galiza)
atraves@a.gal
www.atraves-editora.com

ISBN: 978-84-16545-95-7

Depósito legal: C 1414-2024

Coordenação editorial: Luigi Cavaliere e Valentim Fagim
Revisão linguística: Rui Santos
Diagramação e capa: Miguel Durão

Impresso na Galiza: Sacauntos Coop. Gráfica

Este livro está escrito numa variedade galega do português
Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

ÍNDICE

I	11
II	23
III	37
IV	50
V	60
VI	72
VII	83
VIII	90
IX	102
X	110
XI	122

“Todos os adultos foram antes crianças
(mas poucos se lembram)”.
O Príncipezinho. Antoine de Saint-Exupéry

“É um pobre tipo de memória que só funciona para trás”.
Alice no País das Maravilhas. Lewis Carroll

“Tudo vai, tudo volta; eternamente gira a roda do ser. Tudo morre, tudo reffloresce, eternamente transcorre o ano do ser. Tudo se desfaz, tudo é refeito; eternamente constrói-se a mesma casa do ser. Tudo se separa, tudo volta a encontrar-se; eternamente fiel a si mesmo permanece o anel do ser. Em cada instante começa o ser; em torno de todo o “aqui” rola a bola “acolá”. O meio está em toda a parte. Curvo é o caminho da eternidade”.

Assim Falou Zaratustra. Friedrich Nietzsche

“É preciso imaginar Sísifo feliz”.
O Mito de Sísifo. Albert Camus

I

A primeira vez que fiz dez anos de idade, meus pais quiseram preparar-me uma grande festa de aniversário. Com a ideia de me surpreender, organizaram tudo com muito sigilo e discrição. Ainda assim, sempre suspeitei que estavam a planear algo. De facto, na minha curta existência lembrava, pelo menos, quatro ou cinco celebrações anteriores. O costume de soprar as velas e de ouvir, envergonhado e ao mesmo tempo satisfeito, as canções de parabéns dos meus familiares e amigos já se convertera em parte do meu ciclo vital, como o primeiro dia de aulas ou a consoada.

O tal evento, verdade seja dita, tampouco precisava de muito aparato. Não era necessário mobilizar multidões nem dispor de grandes meios. Bastavam uns poucos convidados, um bolo e uns quantos presentes, preferivelmente brinquedos. Daquela vez tratava-se de uma ocasião especial, como se completar números redondos fosse um objetivo a cumprir na nossa vida. Porque, afinal, que são oito ou nove anos? Pelo contrário, uma década tem o seu próprio significado. Aliás, abria-se uma nova etapa na qual utilizaria todos os dedos das mãos para expressar com acenos a minha idade. Eu estava certo de que aquela festa de aniversário seria a melhor de sempre. Seja como for, decidi não perguntar nada a meus pais antes de tempo, pensando que prefeririam dar-me uma surpresa. É preciso ter cuidado para não desiludir os adultos, que confiam demasiado na ingenuidade das crianças.

No dia marcado estive toda a manhã metido em casa, com a emoção a bater-me forte no peito e a fazer-me cócegas na pele. Eu nascera no verão, num mês em que não há aulas nem nada urgente para fazer. No meu quarto, as horas passavam-me despercebidas, consumidas na doce espera. O tempo parecia

suspensão, e tudo o que sucedia carecia de relevância. O importante estava por vir e o resto tornara-se um simples passatempo.

Ao longo da minha vida, tenho sentido amiúde o desejo de esticar indefinidamente tais instantes, de ficar toda a eternidade aguardando, sem pressa, sabendo que a recompensa virá no final desse tempo infinito. E ainda com maior frequência, tenho alimentado esses momentos com a esperança e com a promessa, que vêm acompanhadas sempre pela dúvida e pelo temor. Porém, só a certeza, real ou ilusória, me proporciona a tranquilidade necessária para me deter a observar a paisagem, despreocupado com o que encontrarei quando chegar. Sei que o mundo está cheio de pessoas impacientes que não partilham a minha devoção pela espera, que querem abrir os presentes antes do dia.

Eu era capaz de aguardar todo o tempo que fizesse falta porque estava convencido de que finalmente celebraria o meu aniversário. Também sabia que, quando a festa acabasse, os convidados regressariam às suas casas. A sala ficaria vazia e silenciosa, outra vez. Recolheríamos num grande embrulho o papel dos envoltórios. Limparíamos de migalhas as velas menos chamuscadas, que guardaríamos para a próxima ocasião. Os brinquedos dormiriam comigo, fora das suas caixas, no meu quarto. E o dia seguinte já não reservaria nenhuma surpresa para mim. A minha vida principiaria de novo.

Comecei a ouvir o barulho e as vozes que vinham primeiro da entrada e depois da sala de estar. Minha irmã, dois anos mais velha que eu, veio buscar-me com um sorriso nos lábios. Ela, e não eu, sabia o que estava a acontecer, e esse suposto segredo refletia-se nos seus olhos alegres e brincalhões. Mantinha uma atitude misteriosa, incompatível, portanto, com o dissimulo que demandava a sua missão. Provavelmente, imaginava o momento em que eu descobriria os convidados, adivinhava

a minha reação de assombro, antecipava os aplausos e tudo o mais. Levou-me aos empurrões pelo corredor, tapando-me os olhos com as palmas das suas mãos. Eu ia diante, de braços estendidos, caminhando às apalpadelas. Minha irmã procurava dirigir os meus passos, mas não fazia falta: conhecia bem o apartamento, e podia calcular de cor as distâncias, evitando tropeçar nas esquinas e nos móveis.

A única imagem que guardo do momento em que, finalizado o nosso breve passeio, ela me desvendou os olhos, coincide com uma fotografia de tom sépia que encontrei anos mais tarde dentro de uma gaveta. Apareço sentado no centro da mesa, com o rosto iluminado pelas velas e rodeado de crianças. No retrato eu sou o único que não sorri, se calhar incomodado por ter de posar para a câmara; ou talvez fosse um gesto de vaidade precoce: nas bocas abertas dos outros assomam umas gengivas desdentadas, de maneira que pareço escoltado por um grupo de velhos prematuros ou de boxeadores de peso pulga. De resto, as cores esmorecidas e o aspeto das nossas roupas evocam um tempo pretérito e ultrapassado.

As lembranças que conservo da minha primeira meninice são formadas, aqui e acolá, por episódios isolados como este, entre os quais nem sempre consigo estabelecer uma conexão. Por outro lado, dou-me conta de que a maioria dos momentos retratados no álbum daquela infância ficaram apagados da minha memória. Apenas reconheço algumas fotos, se calhar, porque o mais importante para mim naquela altura era avançar a oito com a promessa de um longo caminho por percorrer. Eu não estava ciente da minha obsessão. Não se tratava só do desejo de crescer. Padecia a ansiedade dos que teimam em procurar algo que nunca encontram. Sonhava com alcançar o instante sublime em que, por fim, cada um chega a ser o que é. Vivi a

mocidade e boa parte da idade madura com essa ilusão, sem olhar para trás.

Suponho que a minha fuga para a frente me teria levado até à idade em que as imagens do passado regressam nítidas, sobretudo as mais antigas, se meu pai não tivesse falecido inesperadamente. De súbito, aquele homem que idealizara durante tantos anos convertera-se num fantasma, passara a formar parte de um mundo de sonho habitado por gente que eu conhecera e que nunca mais voltaria a ver. A partir desse momento, já só o poderia encontrar ali, razão pela qual comecei a visitar com mais frequência esse espaço onírico e a resgatar dentro dele pessoas e acontecimentos esquecidos. Foi então que me parei na estrada do tempo, antes mesmo de cruzar a meta. Quando por fim me detive, ainda não me afastara muito do meu passado, de maneira que algumas recordações surgiram de repente, estranhadas pelo tempo transcorrido, as mais velhas misturadas com outras posteriores, como se todas fossem recentes.

Talvez o verdadeiro objetivo desse exercício de retrospeção consistisse em formar uma ideia clara de meu pai através de todas as lembranças que guardava dele. Não queria ficar apenas com os seus derradeiros meses, os únicos que se tinham fixado com força na minha memória. Num primeiro momento, dediquei-me a buscá-lo nos álbuns de fotografias. Aparecia em muitas, apesar de ambos os meus progenitores terem o costume de imortalizar sobretudo episódios protagonizados pelos seus filhos. A sua presença abrangia um período que começava no dia do seu casamento e finalizava no seu último aniversário, no qual já se encontrava muito afetado pela doença. Todas aquelas imagens ilustravam diferentes momentos da sua vida, nomeadamente, os que compartira com a sua família. Ao reparar na sua figura tirada de contexto, dava-me a sensação de que serviam só para delatar a mudança do seu rosto com o

passar do tempo. Olhando cada uma delas, via um homem que, na minha opinião, aparentava sempre mais idade. Parecia-me incrível que nas mais antigas fosse inclusive mais novo que eu. Além disso, no mundo dos sonhos ele já não envelhecia, permanecia, no máximo, com a idade que tinha quando morreu. E enquanto pressupunha que algum dia me tornaria mais velho que meu pai, não podia evitar ter pena dele. Os vivos compadecem-se dos mortos, por precaução e também por pudor. Ainda não estão seguros de que lhes vai passar o mesmo. Sentem alívio e um pouco de vergonha por permanecerem vivos. No entanto, é uma questão de tempo.

Procurei a ajuda de minha mãe para saber todas as histórias que contavam aquelas fotografias. Com uma vista de olhos, ela conseguia reconhecer cada evento concreto, por muito remoto que fosse. Ambos contemplávamos as imagens de maneira distinta. Ao passo que eu satisfazia a minha curiosidade, ela olhava-as com saudade. Revivia o passado à medida que eu o descobria. Para mim o enigma principal dos retratos de meu pai residia no seu rosto, que nunca transmitia o que estava a pensar ou a sentir. Tanto fazia que as fotos fossem tomadas de improviso ou que estivesse a posar para a câmara. Os seus gestos sérios ou risonhos tornavam-se, ao meu parecer, igualmente inescrutáveis. Eu também admitia que a minha percepção podia encontrar-se influenciada, que esse alegado ar de mistério que o envolvia só refletia as ideias preconcebidas que tinha sobre ele. Ao olhá-lo mais de perto, dava-me conta de que meu pai possuía uma cara muito comum, tão expressiva como qualquer outra; embora fosse uma pessoa pouco dada a exteriorizar os seus sentimentos, pelo menos, diante dos seus filhos. Cultivava a aparência de um homem reservado e austero, de patriarca de verbo lacónico e costumes espartanos. Imagino que era parte

da sua personalidade. Ou, se calhar, ele pensava que se devia comportar assim e tinha razão... Não o vou julgar por isso.

Essa atitude de asceta impassível à qual nos tinha afeitos desapareceu nos derradeiros dias da sua vida, permitindo que o percebêssemos tão frágil e assustado como realmente se sentia sob a ameaça da morte iminente. Impressionou-me muito a sua reação natural e humana, o que diz muito a respeito do que pensava dele. Fiquei com a sensação de que toda a gente vive representando, perante os outros, um papel que nem sempre domina por completo. E assumi, acima de tudo, que no instante final acabamos nus e reduzidos à individualidade mais radical, antes de nos separarmos para sempre dos demais.

Eu considerava o meu pai uma pessoa religiosa. Não é que frequentasse muito a igreja, mas herdara essa fé de homem de campo aceite, mormente, com o propósito de suportar os males da vida e encarar a morte. Não vi que a religião o confortasse no leito, que lhe acalmasse a dor nem lhe afastasse o medo. Por conseguinte, a partir daí, o temor que me provocara sempre a ideia da minha própria morte aumentou e transformou-se mesmo em pânico.

Meu pai ia nos setenta anos quando morreu. Acompanhei os derradeiros instantes da sua vida, e quero pensar que a minha presença e a de minha irmã foram um consolo para ele. Nos últimos dias já não nos reconhecia. No final chamava pela sua mãe. Regressou à infância, antes de falecer, que é a pátria de todos nós.

Só depois do seu enterro é que dei em cismar sobre isto tudo. Mantivera a cabeça fria enquanto parentes e amigos se despediam dele e apresentavam as condolências à família. Quando se fez o silêncio senti-me abatido e confuso. Era claro que estava a passar a dó, como minha mãe e minha irmã, cada um à sua maneira. No meu caso, a terapia consistiu em mergu-